

---

## AS RELAÇÕES ‘AMOROSAS’ NO ESPAÇO FESTIVO DA MICARANDE.

Francisca Kelly Gomes Cristovam  
Mestranda em História – UFCG  
kelly\_cristovam@yahoo.com.br

Regina Coelli Gomes Nascimento – Orientadora  
Professora da Unidade acadêmica de História  
e Geografia e do Programa de Pós-Graduação em História - UFCG  
reginacoelli2@yahoo.com.br

Na paquera é tudo muito rápido, até porque não dar para parar o trio andando, (...) É coisa de momento mesmo (...). Não é fácil arrumar uma pessoa e ficar o percurso todo, é difícil, mas eu já consegui. Mas lá é aquele negócio: beija e cada um para um lado, uma coisa bem promiscua (...). Mas o beijo caracteriza muito a festa, falou Micarande, falou em bloco, falou em beijo, eu acho que o beijo faz parte. (Valesca<sup>i</sup>)

O objetivo deste artigo será apresentar nossa pesquisa que estamos desenvolvendo, a mesma trata dos sujeitos participantes da festa da Micarande entre os anos de 1998 a 2008, especificamente investigamos os comportamentos afetivos e de como foi vivenciado as questões amorosas na referida festa. Tal trabalho partirá das análises de algumas falas das entrevistas já realizadas na cidade de Campina Grande<sup>ii</sup>, os nomes dos nossos entrevistados virão fictícios, por escolha de preservar as identidades dos mesmos.

Desta forma, já iniciamos este texto com uma narrativa de Valesca, a mesma coloca que “*Na paquera é tudo muito rápido*”, podemos interpretar a paquera como demonstração de interesse por alguém, uma relação de aproximação entre duas pessoas e no espaço festivo em estudo, é um ato instantâneo e fluido, em que os foliões<sup>iii</sup>, na sua grande maioria, em uma noite de festa paqueram/ficam com várias pessoas. A narradora, ainda coloca “*É coisa de momento mesmo (...) aquele negócio: beija e cada um para um lado, uma coisa bem promiscua...*” então na referida festa não havia tanto espaço para pensar em relacionamentos duradouros, ou para a noite toda da festa, pois o mais comum era a preferência da grande maioria por ‘ficar’ com muitas pessoas numa mesma noite. Vale salientar, que a escolha de ‘ficar’ com várias pessoas numa festa é uma característica contemporânea, principalmente dos anos 1990 e 2000, e que não ocorre apenas nas festas carnavalescas, porém nestas são mais acentuadas.

Aqui, antes de tratar do “ficar” e “namorar”, apresentamos a festa da Micarande que foi um carnaval fora de época com festa móvel realizado na cidade de Campina Grande a partir dos anos de 1989 a 2008, foi à segunda festa desse tipo no Brasil, a primeira foi no Estado da Bahia. Aqui, em Campina Grande que teve início no dia 21 de abril de 1989 às margens do Açude Velho<sup>iv</sup>, momento em que um grupo de foliões, ainda não separado por cordão de isolamento, vestiu-se com roupas chamadas de mortalhas que levavam a estampa do galo de campina. Tais foliões saíram em direção ao Parque do Povo<sup>v</sup> conduzido por Biliu de Campina, um conhecido forrozeiro da cidade, e também por uma orquestra de frevo. Ao chegar ao Parque do Povo o público que saiu do açude velho encontrou-se com as pessoas que brincavam o bloco da Saudade, que valorizava um carnaval mais tradicional e dançavam ao ritmo das marchinhas dos antigos carnavais.

Com o passar do tempo a esse modo de festa, inicial da Micarande, foi se incorporando blocos puxados por atrações baianas e com o cordão de isolamento, estilo importado da Bahia. As pessoas na cidade foram a cada ano aderindo a esse novo modelo de festa que crescia rapidamente, e com isto tornando-se “elitizada”, os blocos eram puxados por famosos trios elétricos e cantores conhecidos nacionalmente que ganharam a preferência dos foliões “micarandiantes”, porém com um valor alto para poder participar. Mas segundo os participantes valia à pena pagar, pois se divertiam muito em uma só noite, algo que no geral não costuma aproveitarem tanto como na Micarande.

Agora discutindo o “ficar” e “namorar”, temos de acordo com Flávia Rieth (1998) serem categorias diferentes, pois o “ficar” está ligado ao presente e momentâneo, além de não assumir compromisso entre as pessoas “ficantes”. Estes se encontram envolvidos mais pela atração física, do viver e curtir a pessoa no momento do “fica”, de encontros com novos atores e uma forma de afirmação de conquistador/a diante do grupo em que encontra inserido/a, por isso que os “ficas” no geral ocorrem nas festas e momento de diversão na presença do grupo de amigos.

Já o namoro, segundo Rieth (1998) é algo mais sério que exige um respeito e responsabilidade maior, e no geral é reconhecido entre as famílias dos enamorados e grupo de amigos. Nessa relação à confiança, a afinidade, o sentimento e o romantismo são fundamentais na relação, como também o participar da vida do outro e da afetividade dos apaixonados.

Desta forma, na Micarande o “ficar e paquerar” são freqüentes entre os foliões, pode-se dizer que era uma das características mais marcantes da festa, além do ritmo do axé e alegria dos participantes. Sobre o ficar na festa vejamos a narrativa:

Na Micarande é perder o medo ser cara de pau, às vezes era só puxar, beijar, não tinha muito símbolo não, olhou, gostou e venha, não tem muita coisa não (...). O solteiro tá livre pra tudo (risos) pode ficar a vontade, [mas] quando está com a namorada tem que ter responsabilidade, dá mais atenção, pode alguém chegar perto, dizer alguma coisa. Isso acontece, as vezes o cara deixa a namorada ir lá na frente chega um e pega na mão, eu sei disso, eu já fui solteiro, a gente não sabe se a menina tá com namorado ou não... (Rafael Castro<sup>vi</sup>).

Na festa o folião não pode ficar na timidez, e para não passar a noite sem ‘ficar’ com ninguém o participante tem que ser rápido entre atitude de olhar e já está beijando, então, “*Na Micarande é perder o medo ser cara de pau, às vezes era só puxar, beijar, não tinha muito símbolo não, olhou, gostou e venha, não tem muita coisa não...*”. Uma agilidade no tempo para paquera com atitudes temporárias movidas pelo impulso e no geral pela atração física. Assim, a prática do beijar e deixar de lado, e logo ir à busca de novas aventuras amorosas e oportunidades para os “beijoqueiros” de encontrar outra boca, pois como afirmou Rafael Castro “*O solteiro tá livre pra tudo (risos) pode ficar a vontade*”, com estas palavras e com a risada, que também foi uma maneira de falar, nos faz questionar: O que é esta livre pra tudo? Que solteiro é esse? Será que o homem solteiro na Micarande consegue ficar/paquerar com tantas mulheres?

As perguntas são muitas, e as respostas não nos parecem tão claras ainda, porém podemos afirmar que o homem solteiro na Micarande buscava não selecionar tanto, na realidade era um excelente momento de curtição vivenciado perante o grupo, daí só bastava se sentir atraído fisicamente, e ia brincar de ser o caçador nas relações, de beijar e curtir cada minuto, e assim estar sempre ‘pronto e livre’ para viver as mais fantasiosas ou excitantes relações, pois o que mais importava era pularem e curtirem o momento.

Compondo o que Costa (2004) nomeia de historiografia dos sentimentos, onde ele evidencia que na contemporaneidade as relações amorosas e emocionais estão em alterações significativas que interferem diretamente no comportamento dos indivíduos, nas relações afetivas, bem como, no modo como concebem os sentimentos, pois estes na contemporaneidade, para a maioria dos sujeitos existem e são mais livres e fluidos,

diferentemente dos experimentados por nossos antecessores, a exemplo de nossos avós/avôs, que havia todo um ritual na relação, nada de fluidez e “ficar”, namoravam perante os familiares e se demorasse no namoro logo planejavam o casamento.

Ainda tratando da narrativa de Rafael Castro, ele continua a afirmar “*quando está com a namorada tem que ter responsabilidade, dá mais atenção, pode alguém chegar perto, dizer alguma coisa*”, na Micarande parece que o prazer dos solteiros de extrapolarem seus desejos é um consenso, assim, no geral os participantes solteiros procuravam aproveitar as várias emoções e “ficas” que uma noite podia proporcionar, diferente de alguém que vai acompanhado/a que tem que se conter e ter responsabilidade com a parceira é como se o solteiro não tivesse que ter cuidados no percurso da festa. Aqui, destacamos certo receio masculino de quando estavam acompanhados na festa, acreditavam que tinham por “obrigação” proteger a namorada, isto talvez, por que os homens solteiros nessa festa conquistaram o título de ousados e atrevidos, dos que vão pronto para ‘pegar’, ‘zoar’ e ‘atacar’ várias mulheres.

De acordo com Maria Isabel de Almeida (2006) ao discutir sobre as novas configurações e gramáticas afetivas no universo jovem carioca diz que “zoar” e “ficar” são as novas maneiras de sociabilidade e experiências que fazem parte das emoções sentimentais contemporâneas. A autora coloca que “zoar” é no geral praticado em grupo e intervém no espaço, “... o “zoar” é uma experiência somente captável em fluxo, (...) o “zoar” inscreve-se como condição essencialmente motora, de fricção tátil entre corpos em circulação” (ALMEIDA, 2006: p. 146). Então, o “zoar” é sempre em turma, numa festa parada ou em trânsito entre dois lugares na ida para a balada/festa, ou até na festa, o que vale é o estar junto e divertindo-se com a turma. O “zoar” pode ser fica com alguém, rir de outras pessoas ou coisas, e por aí vai.

Segundo Almeida (2006) o “ficar” termo bastante utilizado na contemporaneidade, principalmente pelos jovens, está relacionado com o beijo e diz ““Ficar” é essencialmente beijar. Beijar em série, beijar muito, reconfigurando temporalidades antes submetidas ao crivo da cadência amorosa e sentimental” (ALMEIDA, 2006: p. 148). É também a partir de um “fica” que pode transforma-se no namoro, ou então continuar “ficando” num estágio transitório e com uma sensação de leveza e descompromisso, ou seja, pode até estar junto da outra pessoa, porém não tendo a ‘obrigação’ de dar satisfações posteriores e nem tanta intimidade com a vida da outra pessoa “ficante”.

A Micarande possui um público bem diversificado quanto à idade e os foliões, e mesmo parte destes ainda sendo ‘jovens’, mas que saíram vários anos da festa, não apenas nas últimas versões da mesma, se ‘chocaram’ com o comportamento de parte os foliões das últimas edições, vejamos as seguintes narrativas:

Antes eu sentia uma coisa mais velada, mas nas últimas edições o pessoal se jogava mesmo, (...) Agora tinha muito a questão de toque, pegada, passada de mão (...). Tinha partes constrangedoras que eu tou falando geralmente as mulheres faziam.(...) Elas se insinuam (...) também passavam a mão, e na passada de mão você já lhe indicava algo mais ... (Wilson Basílio<sup>vii</sup>).

E continua a narrar:

Tem coisas horríveis que você só vê lá na Micarande, o caso mais sério que já vi uma coisa horrível (...). Um casal enrolado numa bandeira atrás do trio praticando sexo, isso atrás do trio, enrolado na bandeira fazendo na maior tranqüilidade, então é um excesso, um exagero muito grande... (IDEM)

Como vemos acima pela narrativa de nosso entrevistado, o gosto das mulheres de serem também ativas na busca por paqueras/ficas, parece não ser visto com bons olhos. Desta forma, alguns homens dizem se sentirem constrangidos por verem a “*questão de toque, pegada, passada de mão (...)*”, o nos parece é que a sociedade vivencia um medo das pessoas, e principalmente as mulheres ficarem tão corajosas, e os relacionamentos se banalizarem. Com isto, nosso narrador diz que na Micarande ou em festas semelhantes é possível ver com ‘facilidade’ as pessoas tornarem-se ‘caçadoras’ de relacionamentos momentâneos. Observamos a partir das entrevistas que a fluidez se fez mais presente nos últimos anos da festa, talvez pelo fato de vivermos em uma sociedade que nos permite certa liberdade na maneira de se relacionar, porém há atitudes que chocam os participante, como “*Agora tinha muito a questão de toque, pegada, passada de mão (...)* Tinha partes constrangedoras que eu tou falando geralmente as mulheres faziam (...)”, então são ações como estas, principalmente femininas, que não são bem aceitas pelo sexo masculino, talvez, porque os homens ainda não se acostumaram a mulher também tomar iniciativa de caçadora para os encontros furtivos amorosos.

Outro ponto que demonstra ‘pavor’ dos ‘micarandiantes’ é a questão do sexo livre e descompromissado, como “*Um casal enrolado numa bandeira atrás do trio praticando*

*sexo, isso atrás do trio, enrolado na bandeira fazendo na maior tranqüilidade, então é um excesso, um exagero muito grande ...”*, aqui notamos que devido atitudes tão ousadas como pessoas fazerem sexo perante o grupo de foliões em plena avenida/rua desperta certo repúdio, pois demonstra falta de respeito com os demais presentes, não que sexo seja algo impuro, mas pelo lugar não ser adequado, daí o ‘medo’ de tal ato tornar-se uma prática comum entre várias pessoas, pois a prática do sexo não precisa torna-se tão público.

Na Micarande, bem como na sociedade contemporânea, se faz presente a descontinuidade, a fragmentação, a ruptura e o deslocamento nas práticas sociais e individuais, onde, constantemente, se examina e reformula os conceitos e os modos de vida. Portanto, podemos dizer como discute Laclau (1990, Apud HALL, 2006), que estas identidades possuem sua estrutura em aberto, tratando que, ao deslocar as identidades fixas por novas possibilidades de identidades, vão surgindo novos indivíduos, formando, assim, novos valores.

O narrador Wilson Basílio tece críticas sobre a maneira como parte dos foliões se comportava nas últimas edições da festa, pois como ele coloca *“Elas se insinuam (...) também passavam a mão, e na passada de mão você já lhe indicava algo mais...”*. Isto demonstra que a liberdade permitida na festa, ou para o entrevistado a libertinagem de homens e mulheres na Micarande tem sido assustador, talvez porque antes atitudes mais ligadas ao sexo eram freqüentes entre os homens terem a iniciativa, porém não tão abertamente em lugares públicos, e entre as mulheres era praticamente inexistente terem coragem de tomar algumas iniciativas ou se insinuarem para as relações sexuais, estas no geral eram sempre passivas para iniciar namoros e as relações sexuais. Porém as modificações que vieram à tona principalmente após 1968 com a Revolução Cultural e Sexual têm contribuído para abertura do comportamento feminino, mais também colocado muito medo nos homens, de verem seu lugar dos únicos que podiam namorar muito, trair, etc., com a permissão social de muitas décadas serem questionado e compartilhado por/com mulheres.

Ainda, a partir da narrativa de Wilson Basílio notamos que o corpo, principalmente das mulheres na primeira década da festa da Micarande, e edições que ele saiu, eram mais escondidos e protegidos, isto talvez lhes dessem mais respeito perante a sociedade, e que os homens também apesar da liberdade que tinham, não eram tão atirados. Assim, de acordo com o narrador, nas festas, principalmente os carnavais fora de época, a exemplo da

Micarande, no geral são festas que deixam os foliões isolados por cordas, o policiamento dentro dos blocos a não ser no caso de brigas deixavam os participantes muito livre para realizarem o que desejavam. Daí muitas pessoas se comportavam de maneira tão “vulgar e excessiva” como no caso do casal praticar sexo apenas enrolado numa bandeira na frente de várias outras pessoas, e isto é o que constriem os demais que se encontram no mesmo espaço. E fica aqui o questionamento será que determinados participantes da Micarande estão usando da liberdade ou libertinagem permitida na festa?

De acordo com Bauman (2004), presenciamos cotidianamente homens e mulheres vivenciarem relações descartáveis, e diz que estamos todos mais propensos a tais relações, encenando episódios românticos variados; assim como os seriados de televisão e seus personagens, explicando que isso faz parte de uma cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, passageiro, de satisfação instantânea e que não exigem esforços prolongados.

É nesse sentido que muitos foliões na Micarande experimentaram as inconstâncias dessas relações se mostrando um pouco nostálgicos em lembrar que antes as relações eram mais estáveis, tratando da festa como espaço não só de liberdade, como também de muita libertinagem. Assim, notamos nas nossas pesquisas que muitos dos foliões da festa afirmam que essa festa desperta muito sentimentos afetivo-sexuais, pois o próprio estilo e dinamismo da festa cooperam para que estes ocorram, são várias músicas que tratam da sexualidade, as roupas dos foliões, principalmente as mulheres, uso excessivo de bebidas e até drogas ilícitas, que deixavam os participantes mais depreendidos e soltos no percurso da festa.

Podemos afirmar com a nossa pesquisa que na Micarande a escolha de parte dos foliões é pelas relações efêmeras, mesmo que haja também exceções, pois têm pessoas que se conheceram no ambiente de tal festa e firmaram compromissos, ou pessoas que iam para tal festividade, e não gostavam de namorar/ficar com vários numa mesma noite. Porém, entre a maioria dos foliões prevalece o gosto de aproveitar o espaço para ficar com várias pessoas, sem medo de censuras ou vergonha da sociedade, devido à idéia incorporada de que em festa de Carnaval, ou festas carnavalescas, “tudo” se pode, é permitido.

De acordo com Bauman (2004), o amor também tem ganhado novas formas, e que na contemporaneidade encontra-se mais líquido e fluido, o mesmo afirma que o nome mais certo seria sensações e impulsos. Segundo esse autor, atualmente o que acontece com o

amor, na verdade, é que ele acompanhou as mudanças sociais da rapidez e da globalização, de modo que tudo ficou e está mais fluido havendo possibilidades mais freqüentes de vivenciar sentimentalmente.

Segundo Hall (2006), temos na contemporaneidade um rompimento com as noções essencialistas de uma identidade fixa, ou seja, uma ruptura nas construções identitárias, não sendo mais uma identidade fixa/tradicional. Nas sociedades modernas, o cenário cultural de classe, gênero, geração, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade estão em mutação, mudando-se também as identidades pessoais e relacionais. Assim, ao chegar à pós-modernidade o sujeito possui uma identidade móvel que se encontra em mutação constantemente, podendo se identificar, mesmo que seja provisoriamente, com várias identidades ou comportamentos.

As mudanças de comportamento sociais de homens e mulheres na contemporaneidade, principalmente na festa da Micarande foram uns dos pontos mais escolhidos para tratar pelos nossos entrevistados. Então, vejamos mais uma narrativa:

Hoje tem festa que a mulher vem, é ao contrário, ta diferente recentemente. Antes a mulher sempre esperava, mas hoje não, as mulheres tomam iniciativa, mais até que os homens é mais afoita. Isso é ruim, chega um momento que você perde a confiança e pensa que é tudo igual, quando você pensa em namorar você perde a confiança pelo que você vê as outras agindo. Você vê as outras agindo de uma forma que não queria que sua namorada agisse. É como as mulheres não gostam que os homens façam isso... (Paulo Sergio<sup>viii</sup>)

O narrador Paulo Sergio enfatiza que as mulheres hoje estão com mais atitudes, indo também a caça, não ficando passiva a espera dos homens, e diz “... *as mulheres tomam iniciativa, mais até que os homens, é mais afoita...*” Notamos então, certo incomodo para Paulo Sergio que se sente atualmente perdido nas relações afetivas de namoro/paquera, isto até deixando receoso, até parece que ele tem vontade de ter namorada, mas tem medo, é como se todas as pessoas se comportassem do mesmo jeito, e que a namorada que ele arrumar iria necessariamente colocar a famosa galha/chifre nele. E isto seria humilhante e uma grande decepção para ele, como também entra a questão de uma sociedade ainda machista, que se a mulher leva chifre é vitima, mas se for o homem é corno. Diante do



exposto, notamos que alguns homens contemporâneos encontram-se em crise, ainda se colocam na posição de caçador, defendendo esse lugar como algo mais permitido e comum ao sexo masculino, demonstrando temer ser ignorado, e também temendo “atitudes” mais desprezadas das mulheres, como se as mesmas não pudessem também fazer as escolhas de suas parcerias amorosas.

Com a nossa pesquisa inicial podemos apontar para as transformações dos valores e costumes de vivenciar as questões amorosas, que tem acompanhado as mudanças de um mundo globalizado e da rapidez em que vivemos. E que tais modificações têm contribuído mais para a satisfação da mulher em todas as áreas na sociedade, dando mais oportunidades, seja pessoal ou profissional. E de acordo com os autores que dialogamos, e que discutem as questões amorosas estão em cena mutações mais frequentes e frenéticas na sociedade contemporânea, do que em qualquer outro período da história, assim a maneira de vivenciar as questões amorosas também tem incorporado novos estilos e gostos.

Especificamente sobre maneira como os foliões atuam dentro dos blocos da Micarande, observamos que os blocos exercem grande atração entre o público, e também o dinamismo da festa contribui para o desejo viver o momento, no geral de “curtição”, representado pelo fascínio ao belo, a festa, ao momento de vivenciar aventuras. Daí os “micarandantes”, por sua vez, passaram a ser vistos como o grupo que buscavam viverem grandes aventuras dentro dos blocos, o que no geral não se via em outras festas. Tais sujeitos e atores (re)elaboram seus projetos de vida na contemporaneidade, transformando sua identidade com frequência, adquirindo identidades momentâneas, perpassadas pela cultura onde tudo é consumido rapidamente e que parece ser descartável, vivendo o presente de forma intensa e efêmera.

## **NOTAS:**

<sup>i</sup> Valesca, 26 anos, foliã da Micarande durante 6 anos, gostava de sair no bloco Spazzio, é funcionária comercial e residente na Cidade de Campina Grande. Entrevista realizada em 03 de março de 2010.

<sup>ii</sup> Campina Grande fica no interior do Estado da Paraíba, distante 122 km da capital João Pessoa. É conhecida também como cidade rainha da Borborema, das festas de São João, de boas universidades que atraem estudantes de vários locais do país e até do exterior, e por ser um pólo comercial.

<sup>iii</sup> Nome dado aos participantes da festa, que ficam isolados por uma corda de isolamento, e os mesmos tem que estarem vestindo o abada, roupa que caracteriza e permite a entrada dentro dos blocos.

<sup>iv</sup> O Açude Velho é localizado no centro da cidade, foi inicialmente uma fonte de abastecimento de água para Campina Grande e região. Depois, quando a cidade passou a ter abastecimento encanado de água, sua finalidade inicial se perdeu, e, hoje, é um cartão postal e patrimônio histórico para a cidade.

<sup>v</sup> Local onde são realizadas as festas do São João em Campina Grande, e também onde a Micarande encerrava suas festas.

<sup>vi</sup> Rafael Castro, 26 anos, saiu em diversos blocos durante 10 anos, estudante universitário e residente na cidade de Campina Grande. Entrevista realizada em 10 de março de 2010.

<sup>vii</sup> Wilson Basílio, 27 anos, saiu durante 8 anos em blocos da Micarande, mas tinha preferência em sair no Spazzio, estudante universitário e professor, residente na cidade de Campina Grande. Entrevista realizada em 09 de março de 2010.

<sup>viii</sup> Paulo Sergio, 21 anos, que saiu alguns anos na festa em diferentes blocos, estudante universitário, residente na cidade de Campina Grande. Entrevista realizada em 10 de março de 2010 junto com a entrevista de Rafael Castro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Violar memórias e gerar a história: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. In. **História: a arte de inventar o passado. Ensaios da teoria de história**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. & EUGENIO, Fernanda. (Orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e ambivalência**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1999.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção de Cotidiano: 1-artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COSTA, Jurandir Freire, **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?**. Editora Rocco. Rio de Janeiro. 2001.

FERREIRA, Felipe. **O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LIPVETSKY, Gilles, (1944). **Os tempos hipermodernos**. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

---

PESAVENTO, Sandra, J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

REITH, Flávia. **Ficar e namorar**. IN: BRUGCHINI, Cristine e Hollanda, Heloísa Buarque de. (orgs). Horizontes Plurais – novos estudos de gênero no Brasil. São Paulo: FCC. Ed. \_\_\_\_\_. 1998. P.111-133.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

SANTOS, Vanicléia Silva. **Os ritos e os ritmos da micareta no sertão da Bahia**. In: Projeto História: Festas, Ritmos, Celebrações. São Paulo: EDUC, 2004.

SANTOS, Wagner Geminiano dos. **Os carnavais de Campina Grande – 197-1995: a (des)invenção dos carnavais como campos de batalha e espaços de festejo e comemoração**. Trabalho de monografia. Campina Grande: UFCG, 2005.

SOUZA, Antonio Clarindo B. de. **Lazeres permitidos, prazeres proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)**. Tese de doutorado. Recife: UFPE, 2002.